



OS SENTIMENTOS PODEM FAZER PARTE DE UMA PESQUISA?

GABRIELA CARVALHO DA LUZ

Graduada em História da Arte pela UFRGS, pesquisa relações entre arte, religiosidade e memória, tendo realizado como Trabalho de Conclusão de Curso a pesquisa intitulada *Imagem em Procissão: um estudo das imagens de vestir nos acervos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre* (2017); e tendo participado como bolsista de iniciação científica do projeto *Memória cultural na gênese e desenvolvimento da Arte Islâmica* (2014-2017), coordenado pela Profa. Dra. Katia Pozzer. Possui experiência em mediação cultural pelo Núcleo Educativo do MARGS (2014-2016). Atualmente desenvolve pesquisa de forma autônoma voltada às imagens de vestir, e ministra cursos livres de História da Arte.



RESUMO

O PRESENTE ensaio parte da reflexão sobre o quanto um autor pode se posicionar e expressar seus sentimentos em uma pesquisa. Para realizá-la, fala-se sobre alguns dos aspectos importantes no processo da pesquisa *Imagem em procissão: um estudo das imagens de vestir nos acervos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre*, realizada como trabalho de conclusão de curso da autora, no bacharelado em História da Arte da UFRGS, e da experiência pessoal perante o assunto.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Sacra. Processo de pesquisa. Procissão. Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Sentimentos.

ABSTRACT

THE PRESENT text starts from the reflection on how much an author can position itself and express his feelings in a research. In order to carry it out, we discuss some of the most important aspects in the research process of *Imagem em procissão: um estudo das imagens de vestir nos acervos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre*, held as the author's undergraduate thesis, in the bachelor degree in Art History at Federal University of Rio Grande do Sul, and personal experience in research topic.

KEYWORDS

Feelings. Procession. Research process. Sacred Art. Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

EM SETEMBRO de 1996, minha mãe, Eloiza, estava grávida, e eu é que estava em seu ventre. Minha irmã, Jamile, então com 12 anos, precisou passar por uma difícil cirurgia. Foi diagnosticado em seu ovário direito um cisto que pesava o equivalente a dois bebês.

Nossa mãe já possuía uma relação com a fé – foi criada no interior por Patrícia, católica mais apegada à sabedoria popular do que a preceitos da igreja, – mas foi no momento de desespero mais profundo que sua fé mais intensa aflorou. Sua agonia como mãe diante de uma situação de incerteza – já que ela só saberia se o que ocupava o ovário de minha irmã era benigno ou maligno com a realização da cirurgia – fez com que orasse para uma outra mãe, mítica e multifacetada, que a Dona Eloiza reconhece como Nossa Senhora Aparecida. Eu poderia ter sentido mesmo sem ainda ter nascido? Tendo a acreditar que sim, mas tenho certeza de que, com a fé construída naquele momento, é que fui criada.

Nossa mãe se mantinha forte na presença de minha irmã, para que a jovem não ficasse assustada com a situação. Na agonia da semana da cirurgia, com a minha irmã no colégio, Eloiza desabava e pedia a Deus que tudo ocorresse bem. Em uma dessas manhãs, entre o trabalho da casa, a choradeira e as orações, ela adquiriu, de um vendedor ambulante de esculturas em gesso, uma imagem da sagrada família, para pendurar na parede. Cento e vinte reais: foi caro, foi parcelado.

A cirurgia aconteceu, minha irmã passou muito bem diante da gravidade da situação, e o cisto era benigno. Estava acabado, bastava ela se recuperar. Mas a imagem não havia chegado até o dia da cirurgia, a compra foi realizada através de um catálogo.

No dia 5 de outubro, foi a vez de minha mãe ficar em agonia por minha causa. Fortes contrações invadiram seu corpo, mas nada de eu, a bendita criança, nascer. Foi entre idas e vindas do hospital que a tal da imagem da sagrada família chegou. Meu pai, Jeime, a recebeu no portão e levou-a para dentro da casa. Um tempo depois eu cheguei também, à 1h20min do dia 6 de outubro de 1996, após o médico perceber que minha cabeça não estava encaixada para a entrada na vida – eu literalmente tentava resolver as coisas com cabeçadas, pobre mulher!

A imagem ficava no quarto de meus pais e possuía uma pequena lâmpada azul, que supostamente ajudaria a guiar um bom sono. Ela ainda existe hoje, na cozinha da casa. A lâmpada não funciona mais, e, por um motivo qualquer, nunca foi trocada.

Por que começo esse texto contando uma história tão pessoal? Fui convidada a escrever um texto sobre meu processo de pesquisa em Arte Sacra, e o primeiro aspecto que gostaria de destacar é que, para mim, é muito difícil delimitar onde começa e onde termina meu processo de pesquisa, pois ele se iniciou quase sem eu ter notado. O tempo nos permite ver, em perspectiva, que as decisões que tomamos ao longo da vida não são por acaso. Encontramos nas vivências da infância, se quisermos, justificativas para aquilo que fazemos na fase adulta, e às vezes nem são escolhas, apenas fatos.

É claro que não estou dizendo que meu processo de pesquisa se iniciou com meu nascimento, mas essa história, que gosto de ouvir, evidencia que estive em um ambiente que me proporcionou ter contato com imagens religiosas desde cedo, e, além disso, me possibilitou buscar respostas para minhas perguntas e conhecer arte, cultura e todos os temas pelos quais hoje tenho interesse.

Sempre estive muito ligada às questões da religiosidade, tudo a respeito das diversas religiões me desperta uma curiosidade imensa, sejam as religiões cristãs ou não. Os objetos e imagens religiosas fazem meus olhos brilharem, podem ser os crucifixos nas casas dos familiares ou as imagens cintilantes de Nossa Senhora. Não me lembro de *não* ir a igrejas, a centros espíritas ou a benzedadeiras.

Lembro-me de caminhar nas pedras do cemitério nas ruínas de São Miguel, durante uma excursão realizada pela escola quando eu estava na quarta série do Ensino Fundamental, e minha professora me repreender, e eu ainda responder que “só queria sentir a história” [que audácia!]. E assim eu segui, nessa busca por sentir o mundo que me cerca e colecionar experiências. Em 2014, ingressei no Bacharelado em História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tive diversas experiências e vontades até encontrar um tema para a pesquisa que realizei como trabalho de conclusão de curso.

No segundo semestre de 2016, decidi que realizaria a pesquisa sobre as imagens de vestir e os objetos processionais da coleção

de objetos sacros do Museu Joaquim Francisco do Livramento, localizado no Centro Histórico Cultural Santa Casa. Assim como as Misericórdias de outras localidades, a Santa Casa de Porto Alegre tem sua história intimamente ligada à religião e ao poder, assim cultivando determinadas tradições, como as procissões, que são festas religiosas e são também espaços de sociabilidade em que se vê e se é visto.

As imagens de vestir, assim como objetos de uso ritual da igreja, vinham me intrigando desde 2015, quando realizei uma viagem de estudos para Salvador (BA) junto ao curso de História da Arte. Em seguida, acabei tomando conhecimento da presença desse tipo de imagem no Rio Grande do Sul, mais precisamente no acervo da Santa Casa. Esse contato se deu através do curso de restauração de móveis e objetos em madeira promovido todos os anos pela instituição. Através do curso, conheci melhor a história da Santa Casa, a origem dos objetos em acervo e os profissionais que lá atuam.

Dei-me conta de que o museu possuía uma coleção muito interessante de objetos sacros e de que, entre eles, figuravam imagens de vestir, de talha inteira, e objetos de uso em procissões. Esses objetos estavam em perfeita consonância com a história religiosa da Santa Casa, pareciam carregar uma grande carga temporal. Fiquei impressionada por isso nunca ter sido pesquisado, e tampouco comentado em aula ou em outros espaços culturais que frequento. Fomos tão longe para conhecer esse tipo de imagem, e ali, tão próximo do Instituto de Artes, elas também nos esperavam. Cada uma com suas características e significados.

“Como ninguém falou ainda sobre isso?”, perguntei-me. A resposta mais óbvia seria: porque essas imagens vieram de fora do estado, não se tratavam de uma produção local com características próprias. Os questionamentos não paravam de surgir para mim, porque independentemente de ser ou não uma tradição escultórica surgida no Rio Grande do Sul, ela foi incorporada, e isso me interessou antes de mais nada. Qual é o papel dessas imagens aqui?

A escolha desse tema de pesquisa se fundamentou sobre três pontos. O primeiro foi a vontade de um contato direto com o objeto pesquisado. Acredito firmemente que as imagens “dizem”

por si sós. Entretanto, precisam de uma voz em determinados momentos, e os historiadores da arte são essa possível voz da imagem. O segundo ponto são as experiências que tive, que me levaram ao conhecimento do objeto, o qual me despertou curiosidade e emoção. E o terceiro ponto foi a necessidade que tenho de refletir sobre nosso passado colonial, que incide até hoje sobre o cotidiano e até mesmo sobre uma lógica mais tradicional de História da Arte.

Outra questão muito forte para mim, que me fez avaliar sobre adotar ou não o meu objeto de pesquisa, foi o recorte temporal. Quando se fala em século XIX, meus sentimentos se tornam uma dualidade. Ao mesmo tempo em que sinto uma grande admiração, tenho também uma raiva imensa. Em meio a belíssimas produções artísticas, mudanças e revoluções importantíssimas, está uma mentalidade machista e opressora. Em alguns momentos, fiquei em dúvida se queria mesmo trabalhar com esse período, e ter contato com isso o tempo todo. Mas dei-me conta de que a sociedade atual ainda está permeada por conceitos e ideias retrógradas cunhadas naquela época, e que uma boa forma de combater isso é expondo sua origem. Trabalho com a beleza dos objetos religiosos em meio à podridão colonial e escravocrata. Tenho total consciência de que é preciso ousadia para realizar críticas a fatos que envolveram uma instituição da qual precisarei das portas abertas para trabalhar.

As cinco imagens de vestir que analisei em meu trabalho, com datação aproximada do século XIX, ao primeiro olhar pareciam muito semelhantes. Entretanto, à medida que eu me dediquei a entender seus detalhes, com tempo e energia, comecei a perceber que cada pequeno traço era uma centelha que surgia de um embate de olhares e iluminava pouco a pouco a narrativa que eu estava tecendo. Eu olho a imagem e ela me olha, e, nesse caso, esse olhar parece assustadoramente real **[Fig.1]**. A característica mais pujante das obras que escolhi é a realidade, o poder de comoção.

Com o recorte definido e as perguntas revirando minha mente, dei início às pesquisas, que apresentaram algumas ótimas surpresas e algumas dificuldades, como é esperado. Os objetos estudados,

pertencentes ao museu, estavam catalogados e possuíam um ótimo registro fotográfico, o que agilizou meu trabalho. Fui extremamente bem recebida pela equipe do museu e do arquivo da Santa Casa, o que também tornou as tarefas mais fáceis.

A primeira dificuldade que encontrei foi em relação à análise dos materiais utilizados para a realização das esculturas. Mesmo realizando a apropriação do vocabulário e dos processos ligados à restauração, houve limitação para realizar verificações mais profundas do material, primeiramente por não possuir uma estrutura para realização de exames nos objetos. Por meu foco não ser a composição material das peças, apoiei-me nas informações compiladas previamente nas fichas catalográficas, mas acredito que testes mais criteriosos poderiam revelar informações importantes para uma identificação de datação e origem mais precisa.

Gosto muito de trabalhar com fontes primárias, documentos de época são muitas vezes reveladores, como nesse caso foram. Aprendi, durante o processo de pesquisa, que é necessário definir o quanto a pesquisa em arquivo vai ocupar nosso tempo, pois ela demanda muita atenção, e as horas voam quando imergimos nos documentos. A caligrafia e a ortografia do século XIX, por si só, já são um desafio, e, além disso, uma passada de olho mal dada pode deixar escapar uma informação importante. Contudo, obtive, através dos relatórios da provedoria da Santa Casa, subsídios para compreender um pouco melhor qual era o cotidiano da instituição e como as imagens se inseriam nele. Também foram localizados trechos que falam especificamente das imagens, indicando suas possíveis origens.

Hoje, depois de refletir e amadurecer minhas ideias sobre pesquisa, adoto alguns hábitos que, na euforia de um primeiro grande trabalho individual, acabaram não sendo levados com muita precisão. O primeiro diz respeito à organização. Manter fichamentos de leituras, pastas com documentos e fotografias organizadas, e ter em mente as prioridades, é muito importante quando o recorte de pesquisa se faz um tanto amplo. E aí entra o segundo hábito: manter o foco. Com o decorrer das descobertas, das leituras e da redação do texto, tudo vai ficando cada vez maior e interessante, mas não é possível dar conta de todos os caminhos que um assunto abarca em um único momento. Existem perguntas que

não surgem para serem respondidas imediatamente e que necessitam de maturação para serem compreendidas.

Em meu trabalho, acabei analisando uma coleção, fazendo uma leitura do contexto histórico em que as imagens se inseriam, e realizei a análise das imagens. Para mim, foi um momento de explorar essa temática, e eu possuía uma vontade de contemplar tudo isso. Mas como conectar todos esses vieses em um texto? Esse foi um desafio para mim, que creio ter concluído satisfatoriamente para o momento em que me encontrava; continuo, porém, na busca por um texto fluido, que corresponda ao que eu acredito que meu objeto seja: complexo e apaixonante. *Imagem em procissão: um estudo das imagens de vestir nos acervos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre* foi escrito com amor, emoção, ansiedade e tudo o mais que um trabalho de fim de curso possa envolver. Mas posso dizer que me orgulho de o ter realizado, mesmo com todos os detalhes que hoje eu mudaria, pois esse processo me fez crescer, e os erros e acertos da pesquisa me apontaram caminhos a seguir. Uma pedra no caminho é sempre algo a ser notado, não é obstáculo, é interrogação. Pesquisar é doar-se à nossa história, por amor ao mundo em que vivemos.

Para mim, uma pesquisa que contempla um tema que não é exclusivamente acadêmico, como a arte sacra, gera a preocupação em obter o entendimento de diversos públicos leitores. Não me sinto satisfeita em falar apenas aos meus pares. Gosto que o conhecimento criado em uma pesquisa possa ser difundido a todos que demonstrarem interesse. Acredito que a subjetividade, o sentimento do qual falo no título-pergunta desse texto, cria essa conexão. Esse sempre foi um objetivo para mim: conseguir demonstrar o que as imagens me causam em harmonia com o trabalho de revisão bibliográfica, fontes primárias e termos técnicos. Por que, afinal, algo é realmente interessante e motivador se não tem paixão?

Por ora, respondo à pergunta do título com um sim. Esse processo de pesquisa continua, e espero que, com a experiência, eu me torne capaz de contemplar, com o meu trabalho, as comunidades que convivem diretamente com as imagens de vestir em suas paróquias, que o conhecimento que adquiro na universidade

possa ser repassado e que de alguma forma possa impactar a sociedade positivamente.

E o que sou nisso tudo? A pesquisadora que não pode, e não deve, ser separada de sua essência. Somos uma construção. Cada uma de minhas vivências me leva a fazer o que faço hoje, sejam as palavras da minha mãe, as viagens, os livros, ou os acontecimentos diários que leio no jornal. Se você, leitor, está iniciando uma vida acadêmica, te darei um conselho que busco incorporar sempre em minhas ações: seja autêntico e não subestime os potenciais públicos que sua pesquisa pode atingir. Sem coragem, não se transgride barreiras. E sem desconstruir obstáculos, o conhecimento não muda o mundo.

FIGURA 1

Uma das imagens fotografadas durante uma de minhas observações para a pesquisa parece encarar-me.

Santa de Roca, escultura em madeira policromada,
105 x 33 x 55cm, CHC Santa Casa

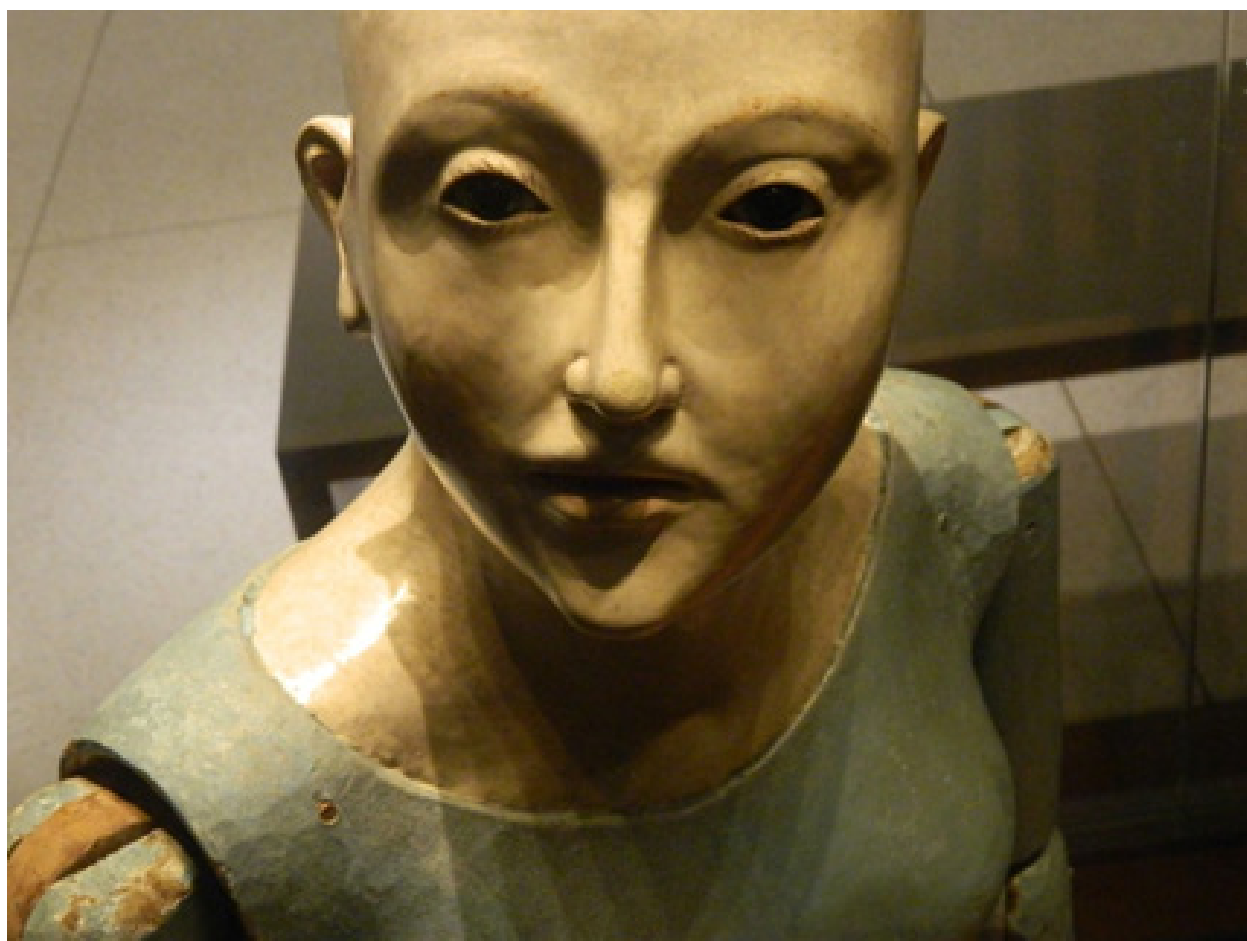


FOTO: GABRIELA LUZ/2017

